



AS FORMAS MUSICAIS E O MUNDO DO VALOR E DA ESPIRITUALIDADE¹

PONTOS DE PARTIDA

Como elemento de motivação e provocação para o trabalho do Workshop é proposta a visualização de dois vídeos, que constituirão também os pontos de partida para a nossa reflexão:

- O vídeoclip «*Music*» do agrupamento musical "The Gift";
- O vídeo «*Jesus Christ, The Musical*» que, de modo provocatório, apropria e manipula o conhecido êxito musical de Gloria Gaynor - «*I will survive*».²

1. No mundo contemporâneo, talvez mais do que em qualquer outra época da história humana, há uma busca intensa do sentido e do valor da nossa existência e da nossa vida. São certamente as experiências paradoxais que fazem hoje parte do tecido existencial das sociedades contemporâneas, que fazem despoletar essa ânsia de sentido. Se, por um lado, parece que vivemos e existimos, sem que sejam feitas as perguntas fundamentais pela finalidade da existência humana, por outro, nos momentos cruciais e na vivência das experiências limite, ressurgem intensamente a necessidade de encontro com o sentido e do valor da vida. E esta necessidade impõe-se a todos hoje!

Quando dizemos a todos é exactamente isso que pretendemos significar. Independentemente da idade e da condição, as grandes questões do sentido, nas suas dimensões de sociabilidade, da abertura ao outro, da auto-estima, da vivência do amor, da construção de um projecto pessoal, do valor da vida em família, entre outras, surgem em todas as idades, embora com fenomenologias e intensidades próprias, que necessitam e reclamam formas especiais de expressão, que se situam sempre na esfera do simbólico.

¹ Este Workshop só foi possível com a colaboração e o contributo activo e determinante do Dr. António Madureira que apresentou inúmeras sugestões, materiais de trabalho e dinamizou com entusiasmo as actividades propostas. Ao Dr. António Madureira o nosso profundo agradecimento.

² Este vídeoclip tem circulado na internet e foi lançado nos correios electrónicos de milhares de pessoas.



2. De entre as várias formas de expressão dessa ânsia pelo sentido, as Artes, na sua mais ampla concepção, sempre tiveram um papel determinante e cimeiro. O ser humano, de todas as idades e condições, necessita da linguagem artística para interrogar, descobrir e exprimir toda a sua realidade enquanto ser vivente, racional, sensível, afectivo, consciente e claro, também religioso. Neste sentido, não se pode reduzir a expressão artística a uma pura necessidade da estética, do belo, da fruição da beleza, é certamente tudo isso, mas muito mais. Precisamos da Arte para encontrar e exprimir o sentido mais profundo da nossa existência, mesmo quando os resultados dessa busca não levam ao sentido mais nobre nem mais nuclear da vida, mas se desvia pelos caminhos tortuosos do não-sentido (non-sens), dos valores negativos e do esvaziamento, como veremos mais à frente.

Pela Arte, o ser humano procura sempre exprimir aquilo que sente ser inexprimível, seja porque fruto apenas do desejo e do inconsciente, ou porque já pertencente ao passado e está somente presente na memória, ou mesmo por se tratar de realidades transcendentais.

3. De todas as Artes, a Música tem gozado, ao longo dos tempos, de um estatuto privilegiado, como sendo aquela que mais imediata e profundamente toca o coração humano. Ela é quase uma segunda língua, um meio privilegiado de comunicação entre os seres humanos, de expressão dos seus sentimentos, das suas angústias, dos seus medos, das suas ambições, das suas alegrias, das suas dúvidas, das suas reivindicações. A Música é um discurso - não em palavras, mas em sons. Para usar uma expressão querida a Nikolaus Harnoncourt "**um discurso sonoro**".³ Então quando a música surge acompanhada e enriquecida com a "palavra" e com a "imagem", o seu poder é enorme!

³ Nikolaus HARNONCOURT, *O Discurso dos Sons. Caminhos para uma nova compreensão musical*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro 1998.



4. Desde as suas origens que a Música, à semelhança das outras Artes, se encontra em estreita relação com a Religião, sem que para isso toda a Música tenha que ser religiosa, no sentido estrito da palavra. Música e Religião, no seu sentido mais lato, encontram-se no âmago da textura da existência humana, porque uma e outra procuram aproximar-se do inefável, do inexprimível, respondendo aos mais altos e profundos anseios do ser humano pelo sentido e pela finalidade da existência. É por isso que a Música não se compadece com o ser lançada para a condição de puro ornamento sonoro ou a simples funções de divertimento, ou apenas como "*música de fundo*" para servir de cenário sonoro. Ela exerce uma profunda influência na construção de uma identidade, quer pessoal quer social, não é inócua e neutra, ela intervém, provoca, instiga, conduz a determinadas atitudes e veicula valores, ou contra valores, manifesta uma certa concepção da natureza humana, da família, das relações sociais e das pessoas, enfim, ela é um forte veículo para formar ou deformar as mentes e as opiniões...
Sabemos que o Cristianismo surge como um espaço polarizador do sentido da existência, onde as questões mais profundas do Homem são consideradas e onde se busca uma resposta. É na busca dessa resposta, que a música pode desempenhar um papel fundamental. A Música, como a Religião, estimula e desafia a totalidade do ser humano: interroga-o, põem-no em questão e, ao mesmo tempo, dá-lhe sentido.
5. É por isso que as religiões sempre usaram a música para exprimir os seus dogmas, as suas verdades, para levarem os crentes a aderirem à sua fé; usam a música como forma de expressão dessa mesma fé e como forma de os predisporem a assumir determinados compromissos na sua vida pessoal, social e familiar. Esta utilização da música como veículo das grandes verdades da religião e arma poderosa de afirmação da comunidade, não é um fenómeno novo. Pelo contrário, é um fenómeno de sempre, que precisa hoje de uma releitura e de encontrar novos significados, perante os também novos desafios que lhe surgem. A música desempenha assim um papel



fundamental na introdução dos crentes nas 4 dimensões fundamentais das religiões:

▪ **A dimensão experiencial;**

Aqui a música faz apelo aos nossos sentimentos e sensações, contribuindo com a sua autenticidade e entusiasmo para a disposição positiva interior do grupo. Pela música se veiculam os sentimentos e atitudes a adoptar pelos crentes. Este é um dos campos com particular interesse para nós.

▪ **A dimensão ideológica ou doutrinal (veicula valores);**

Nesta dimensão, a música é expressão da fé, dos dogmas e da doutrina. O canto desempenha uma importante função de memorização, ao formar os esquemas mentais dos crentes dando uma unidade à fé e conduzindo-os à sua espiritualidade. Outro aspecto que tem, no nosso contexto, uma especial pertinência.

▪ **A dimensão ritual, celebrativa ou cultural;**

Todas as religiões têm uma actividade cultural, onde as acções rituais ocupam um lugar privilegiado. Nessas acções a música tem uma dupla função: pôr em relação os fiéis com Deus, ao mesmo que tempo que os ajuda a tomar consciência desse mesmo facto. Além disso cria e fomenta a comunidade ao integrar o indivíduo no grupo dos crentes.

▪ **A dimensão “testemunhal”.**

É aqui que música surge como um meio de acção fortíssimo que conduz ao empenhamento pessoal do crente na sua vida familiar, social, política, etc. É aqui também que se pode jogar o papel da música que veicula valores e princípios humanistas e cristãos, no confronto com outras expressões musicais que os põe em questão e mesmo que os ridiculariza.

6. De onde vem toda esta força expressiva e mobilizadora da Música? Ela é na verdade uma arte privilegiada, pois os seus três elementos estruturais constitutivos mais importantes - o ritmo, a melodia (o timbre) e a harmonia -



provocam uma interação apelativa com as três dimensões básicas da pessoa, respectivamente - a motricidade, a sensibilidade (afectividade) e a intelectualidade.

Assim o ritmo estimula directamente a motricidade do indivíduo provocando nele um apelo ao movimento. A componente rítmica da música tem um papel central na dança e na música moderna é uma das dimensões mais exploradas. É o aspecto mais mensurável da música e pode ser objecto de uma expressão matemática.

A melodia apela à sensibilidade, ela é obtida pela frequência dos sons, sua amplitude, densidade (intensidade) e ganha também "forma" pelo timbre com que é executada (seja da voz, seja do instrumento). Tudo isto reunido "provoca" a dimensão afectiva do ser humano.

Finalmente a harmonia, como arte das relações simultâneas entre os sons é um apelo à dimensão intelectual da pessoa.

Claro que estas relações apelativas não são herméticas, nem actuam isoladamente. De algum modo, cada uma delas exerce influência em todas as dimensões da pessoa. É por isso que, sendo a música por um lado uma das formas elementares de expressão do homem e por outro, uma das suas maiores criações artísticas, exerce nele um enorme fascínio e atracção.

7. Focalizando-nos um pouco mais na questão da música hoje, podemos afirmar que ela se apresenta ao mesmo tempo como um paradigma e um paradoxo, materializando-se em manifestações contraditórias entre si:
 - por um lado, um paradigma, pois a arte musical ocupa, no horizonte cultural das sociedades, um lugar proeminente, como arte nobre e edificante, manifestação daquilo que de melhor a humanidade foi capaz de criar e de exprimir;
 - por outro lado, um paradoxo, já que o homem contemporâneo é confrontado, na vida quotidiana, com a utilização da música de uma forma pluridireccional, que ofusca e até distorce o lugar que ela já ocupou na vida do ser humano.



Vivemos uma época em que se “*usa e abusa*” da música! Em todos os locais e a propósito de qualquer acontecimento ela é solicitada e está presente. A sociedade é levada hoje a ver a música apenas como um meio de distração, de relaxamento, de entretenimento, como forma de criar um ambiente que nos faça sentir bem, esquecer o tempo e despender dinheiro (nas grandes e massificadas superfícies comerciais). A música como que se tornou uma realidade omnipresente, quase só para ouvir ou até mesmo nem para isso, apenas para estar presente, existir como “*pano de fundo*” no palco do nosso dia-a-dia.

Outro dado importante é a evolução vertiginosa das tecnologias que, dotadas de um altíssimo grau de sofisticação, são capazes de elevados índices de fidelidade e perfeição, contribuindo de modo decisivo para que a música se transforme num fenómeno muito mais para ser ouvido, do que para ser executado. Tudo isto leva a um sufocamento da capacidade natural da experiência do “*fazer música*”, atirando-nos para o mundo do “*consumismo sonoro*”. Perde-se, por exemplo, a natural capacidade de cantar.



A DESCONSTRUÇÃO

8. Para além do que atrás referimos, no que respeita à forma paradoxal como a sociedade lida hoje com o fenómeno musical, nas suas várias formas, temos que admitir também, que nenhuma época, como a que estamos a viver, assistiu a uma tão grande proliferação e criação de mundos, sistemas e sintaxes (linguagens) musicais específicos, independentes, alternativos e individualizados. Nas últimas décadas, certas expressões musicais têm reclamado um certo sentido ritual e cultural. Na criação destas novas formas de culto, as culturas ou sub-culturas urbanas e dos subúrbios, exerceram uma influência especial, que tem uma forte expressão na linguagem musical. Dentro dessas novas formas e novas linguagens, não podemos ignorar a utilização que certos grupos fazem da música para veicular contra-valores, pôr em causa da organização social e a dimensão comunitária do ser humano, defendendo o individualismo egocentrista e anárquico, como arautos do absurdo e do não-sentido. Sem dúvida que nessa leitura negativa da realidade e da existência humana, as posições destrutivas da dimensão religiosa e espiritual do ser humano têm um lugar central.

Na verdade, se as religiões sempre tiveram o papel de centro polarizador do sentido da existência, hoje elas vêem o seu âmbito de acção posto em cheque, existindo uma franja importante (e talvez crescente) da sociedade que não se revê nelas, nem encontra aí resposta para as suas ânsias e interrogações. Para isso contribui, entre outros, o descrédito que os conflitos políticos, sociais e culturais de matiz religiosa e confessional provocam, desfocando o verdadeiro lugar e missão das religiões no seio da comunidade humana, bem como a crescente dificuldade destas adoptarem, perante o mundo, uma linguagem adequada e mobilizadora.

Tudo isto é assim potenciado pela forma como certas expressões musicais relativizam, ou mesmo ridicularizam o fenómeno religioso. Não podemos ignorar a força destas expressões nas pessoas de todas as idades. Podemos perguntar qual a causa deste movimento?



Vemo-nos hoje, nas sociedades contemporâneas, confrontados com fortes exigências e desafios, que colocam ao indivíduo e aos grupos, interrogações profundas, às quais as religiões, no nosso caso o Cristianismo de matiz católico, parece não dar resposta ou, pelo menos, a resposta que dá é insuficiente ou não chega aos endereçados. É neste contexto que surgem fenómenos musicais que põem em causa os valores e princípios vinculados pelo Cristianismo. A música apresenta-se, desta forma, como uma das mais versáteis, polémicas e poderosas expressões do ser humano.

9. Abordando uma temática que está longe de estar devidamente analisada e estudada,⁴ podemos referir que géneros musicais como o “*Punk*”, “*Heavy Metal*”, “*Black Metal*”, “*Hard Rock*”, com as suas múltiplas variantes, incitam o iniciado à alienação extática e ao submetimento das suas faculdades de percepção, raciocínio, vontade e afetividade, a um estado artificial de suspensão da realidade, ou melhor de suspensão da relação do indivíduo massificado, com a realidade, transportando-o para um estado de letargia induzida, como forma de fuga à consciência. São estados de descontrolo artificial das faculdades humanas pelo som e pelo movimento, abstraindo aqui, do facto destes fenómenos serem, quase sempre, acompanhados pelo consumo de substâncias psicotrópicas ou outras drogas (álcool, extasy, heroína, cannabis nas suas múltiplas formas, etc.).

São fenómenos musicais (não apenas expressões musicais, mas toda uma forma de estar na vida que é veiculada por esses grupos) que manifestam uma obsessão pelo obscuro e pelo culto de tudo o que rodeia o “*negro*”. Este culto é, muitas vezes, levado ao extremo com alusões a entidades míticas e a símbolos satânicos, possuindo letras que abordam temáticas de uma quase obsessão compulsiva por temas mórbidos.⁵

⁴ Ver nosso artigo em *Humanística e Teologia* 24(2003) 461-472; mais especificamente 468-471.

⁵ A título de exemplo podemos referir alguns grupos como os “*Cannibal Corpse*” (*Cadáver Canibal*), “*Malevolent Creation*” (*Criação Malévola*), “*Entombed*” (*Sepultados*), entre outros.



Os fenómenos musicais massificados e massificadores mais radicais, recusam a realidade em que vivemos e procuram fazer sair o indivíduo de si mesmo, do mundo e da história. Deste modo se anestesia o sentimento e a razão, a memória e a inteligência, pondo fim à vontade e criando uma espécie de autismo existencial que recusa o sofrimento e a contrariedade a todo o custo. Perante a dificuldade de encontrar um sentido para muitas das situações que a vida e o mundo contemporâneos nos apresentam, certas expressões musicais recusam essa busca do sentido perdido. Perante as situações sem sentido, respondem com situações que não reclamam, nem querem nenhum sentido, não correndo assim, o risco de o perder.

DESCONSTRUIR A DESCONSTRUÇÃO – RECONSTRUIR

10. A uma tal desconstrução pela música dos valores e das concepções humanistas e cristãs da vida, temos que responder com dinâmicas construtivas de sinal contrário, que provoquem uma nova desconstrução da referida desconstrução, e por isso mesmo seja uma verdadeira construção ou reconstrução de todo um sistema de valores! Isto tudo usando a mesma linguagem: a música! Na verdade, não podemos esquecer movimentos musicais que, quer no passado, quer no presente, apontaram noutras direcções, assumindo e reclamando a missão reivindicativa e libertadora da condição humana, que a música sempre exerceu. É o caso do Jazz, sobre o qual, nesta perspectiva, muito poderíamos dizer, mas os objectivos e limites temporais deste nosso trabalho não o permitem.

11. A cultura contemporânea elegeu três líderes incontornáveis como veículos da sua necessidade de comunicação, de expressão e de intervenção: o som (onde podemos incluir a expressão musical), a imagem e o texto. Tudo hoje precisa de ser promovido, mostrado, divulgado, tornado atractivo e indispensável, tudo necessita de ser veiculado pela imagem, pelo som e pelo texto, para penetrar no nosso mundo, ou melhor, nos nossos mundos. Som,



Imagem e texto unem-se assim num *complot* imbatível. No entanto, este *complot* tem sido usado em muitas direcções e com muitos objectivos, por vezes divergentes, conforme começamos por ver nos vídeos apresentados no início desta sessão.

12. Trata-se pois de ultrapassar a manipulação iconográfica que levam à desconstrução das imagens religiosas e dos princípios que o Cristianismo vem defendendo e difundindo, à construção de uma sensibilidade pessoal e comunitária para esses valores cristãos. Temos que usar as mesmas armas, ou seja, temos que usar os mesmos meios expressivos, a mesma força expressiva das imagens, dos textos e da música.

PROPOSTA DE TRABALHO PRÁTICO DE ANÁLISE E CRÍTICA

13. É neste sentido que apresentamos uma série de exemplos musicais e de materiais, que sirvam de inspiração para o desenvolvimento de estratégias que façam chegar aos jovens de hoje, mensagens positivas e fecundas, que respondam à permanente busca de sentido e, ao mesmo tempo, favoreçam o assumir e incarnar de valores humanistas e cristãos.

Voltemos às mensagens transmitidas pelos vídeos apresentados no início da sessão.

- Reanalise o videoclip dos "The Gift" e vejamos como há aqui aquilo que podemos denominar como uma manipulação iconográfica da ideia de Santidade, do Amor, do Bem e do Próximo. O jogo da sensualidade, aplicado a uma imagem que conotaríamos com Nossa Senhora das Dores: os lábios sensualmente pintados, as rendas, a combinar com as tatuagens do corpo masculino, semi-desnudado. Um oratório colocado no meio de uma rua de um bairro degradado. Os *graffiti* nas paredes combinados com as rosas e as rendas à volta da imagem. Eis a desconstrução dum típico imaginário religioso, neste caso muito católico, mariano, popular, e por isso mesmo, muito português, associando-o a um



texto que exalta a música e o amor, como forma de chegar ao outro. Por um lado, o texto apela à fuga ao crescente individualismo e defende a abertura ao outro, mas as imagens são equívocas, como que a dizer que a defesa do amor ao próximo não é um exclusivo da religião. Eis uma frutuosa base de reflexão com os alunos. De facto esta videoclip exprime a visão que temos da iconografia religiosa cristã? Que valores são aqui veiculados e como o são?

- No segundo vídeo «*Jesus Christ, The Musical*» - construído sobre o êxito de Gloria Gaynor de 1978 «*I will survive*» - trata-se de um tratamento provocativo e ridicularizante da imagem de Jesus Cristo, aproveitando o imaginário que alguns filmes e musicais dão da sua pessoa. Mas essa mesma imagem, as vestes brancas, as barbas, a postura meditativa inicial, tudo isso é destruído, ou melhor, desconstruído e a representação de Jesus passa a ser a de um "*show man*", paradoxalmente vestido apenas com a tradicional imagem da veste à volta da cintura aquando da crucificação, movimenta-se com postura efeminada e travestida pelas ruas até à sua destruição por um autocarro... O non-sens do "*eu sobreviverei*".

É perante tudo isto que temos de aproveitar a linguagem musical naquilo que ela pode trazer de positivo e, a partir do texto de algumas composições que atingiram altos níveis de popularidade, explorar os seus conteúdos, ajudando a encontrar significados mais amplos e também levando ao assumir de certos compromissos e de atitudes positivas. Alguns fenómenos do mundo musical, que afectam directamente as camadas mais jovens, como o recente agrupamento - os *D'zrt* - podem e devem ser aproveitados de uma forma positiva e activa.

- «*Caminho a seguir*» - uma das mais emblemáticas composições dos *D'zrt*, onde a ilusão da fama, o sonho do sucesso e da conquista, o estatuto de vedeta, o louco ritmo da vida, são apresentados como ícones da vida



contemporânea. Mas, no entanto, o fundamental continua a ser a força de vontade para atingir os nossos objectivos e ideais, despindo-se de toda a falsidade. Um texto cheio de força e de expressões que ilustram bem a prioridade que a imagem tem na sociedade contemporânea.⁶

- «*Para mim tanto faz*» – do mesmo agrupamento, valoriza aquilo que cada um é, na sua individualidade e diferença, independentemente do que os outros possam dizer dele. Não há tempo para voltar atrás, para a frente é o caminho. Eis um texto que permite um bom trabalho de exploração e análise crítica do conteúdo da sua mensagem. Uma proposta de trabalho poderia ser a reconstrução do texto tendo por base a mesma matriz musical.⁷
- Mudando de registo sonoro, a composição «*I believe*» de Il Divo e Celine Dion, surge como uma canção cheia de melodia e de força no acreditar no outro e no seguir dos seus sonhos. O texto incentiva a ouvir o coração, a deixar-se guiar por ideais. Quando se acredita verdadeiramente, tudo se consegue. Tem a característica de juntar a língua francesa e a língua inglesa, o que abre para uma actividade onde a comunicação multilingue, pode ser valorizada.⁸

Retomando o uso dos três "super-heróis" da comunicação contemporânea, que da melhor forma veiculam as mensagens – música, imagem e texto – podemos jogar com a presença e a ausência de um ou mais deles. Podemos apresentar dois desses elementos como fonte inspiradora que leve à construção do terceiro. Ao mesmo tempo, são exemplos que nos podem conduzir à abordagem da dimensão mais complexa de atingir nos nossos jovens e crianças – a espiritualidade. Difícil e ao mesmo tempo fundamental é distinguir a espiritualidade do esoterismo, da superstição e da magia. Apresentamos dois exemplos:

⁶ Ver texto em anexo.

⁷ Ver texto em anexo.

⁸ Ver texto em anexo.



- Um DVD com música instrumental de António Vivaldi que pode constituir um excelente elemento de trabalho com jovens do Ensino Secundário. A matriz musical encontra-se bem sublinhada com imagens. Trata-se de música erudita, para a qual é necessário uma sensibilização especial. As imagens surgem como um espaço aberto à interpretação e ao significado que cada um lhe queira atribuir. A partir das imagens e da peça musical é feito um convite à busca do significado. Uma das formas de matizar e concretizar esse significado será através da construção ou escolha de um texto. Se quisermos ser mais arrojados, podemos avançar para expressão corporal, para dança ou para mímica, como expressões a acompanhar ou não um texto previamente construído.

É fundamental explorar a força das imagens: a terra, o lixo, a natureza morta, a máscara, os símbolos religiosos como o candelabro ou o cálice derrubados pelo chão, as partituras de música amarrotadas e destruídas, o violino destruído e mutilado, e o homem sempre a cavar, a enterrar, a misturar, a cruz no chão, as velas, tudo parece perder o seu sentido ajudado pela acção do homem que enterra. Mas no final de tudo, duas coisas permanecem bem acima da terra, a música e a cruz!

- Uma apresentação em diapositivos sobre o tema - "AMOR". Nesta apresentação a perspectiva é outra, pois temos o texto e as imagens, criando um espaço de significado que pretende ser fecundado pela música. O fundo musical vai ajudar a ampliar a intensidade e intencionalidade da mensagem. O Amor surge como a fonte de todas as dimensões da vida e como uma chave hermenêutica para muitas situações e sentimentos, mesmo os mais negativos. Tudo deve ser lido pelo filtro do Amor. Neste caso, pede-se que se encontre uma expressão musical que possa sublinhar as imagens e os textos. Podemos experimentar e sentir como sem música a mensagem visual tem uma determinada intensidade e com música tem outra completamente diferente e muito mais forte. Além disso, o tipo de música escolhido dará matizes diferentes ao que é transmitido pelas imagens e texto.



CATÓLICA
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
ESCOLA DAS ARTES

Concluiremos sublinhando de novo a importância da linguagem musical como veículo dos valores e ideais mais sensíveis de uma cultura e de uma sociedade. A trilogia - música/imagem/texto – possui um enorme poder expressivo e persuasivo, devendo constituir um tecido linguístico privilegiado quando queremos chegar às gerações mais jovens. Através destes meios expressivos interrogamos, descobrimos e exprimimos o sentido muitas vezes perdido.

É este o repto que a sociedade mediática nos lança e ao qual temos que dar uma resposta.

José Paulo Antunes
Escola das Artes - UCP



ANEXOS - TEXTOS

D'zrt - Para mim tanto faz

Acabou, vê se entendes
Não vale a pena, mesmo que tu tentes.
Não posso mais esperar que mudes,
Se és tu que não queres mudar.

Acabou, tu não atinges,
Tas noutro mundo, ou será que finges?
Eu já saltei, eu tou noutra
Não vale a pena esperar

Tanto tempo investido em ti
Para agora acabar assim.

Refrão

Para mim tanto me faz
Que digas coisas boas ou coisas más.
Ou mesmo que inventes
Algo que eu nunca fui

Para mim tanto me faz
Já não vou voltar atrás
Não sofro mais, não,
Não tenho tempo
Até gostei de ti
Mas foste um contratempo

Sinceramente porque é que insistes?
Não percebes que acabou?
Tanto tempo investido em ti
Para agora acabar assim.

Refrão...

D'zrt - Caminho a Seguir

Flashes!
Ofuscam-te as luzes
Renasces
Ficas iludido pela fama
Ela chama
Será que não te vais perder?

A imprensa
Alimenta-se da tua presença
Sugam sem pedir licença
Não faz diferença
Só mais tarde irás perceber

O sucesso a aumentar
Nos olhos vê-se um brilhar
Dás por ti num mundo que sonhaste
conquistar

**Veste a força de vontade
Despe toda a falsidade
Assim irás conseguir
Esse é o caminho a seguir**

O sucesso a aumentar
Nos olhos vê-se um brilhar

Artistas
Estatuto de vedeta
Revistas
para onde vais não te tiram as vistas
Jornalistas
Sabem como te encontrar

Loucura
É como fica o ritmo da vida
e o bilhete não é só de ida
Vida dura
Cabe a ti aguentar

E o filme a prosseguir
Será que vou conseguir?
Dás por ti num mundo que sonhaste
conquistar

**Veste a força de vontade
Despe toda a falsidade
Assim irás conseguir
Esse é o caminho a seguir**

E o filme a prosseguir
Será que vou conseguir?



Sente este ritmo quente
Diferente
vou mete-lo na tua mente
Crescente
é o calor que está no ar
Prepara-te que vou meter-te a suar

Rebola, rebola
check the move, movimenta
concentra, esquece tudo e representa
em sintonia com a melodia
quebra a monotonia
não precisa de parar
segue a filosofia.

O sucesso a aumentar
Nos olhos vê-se um brilhar
Dás por ti num mundo que sonhaste
conquistar

Veste a força de vontade
Despe toda a falsidade
Assim irás conseguir
Esse é o caminho a seguir

O filme a prosseguir
Será que vou conseguir?
Dás por ti num mundo que sonhaste
conquistar

Veste a força de vontade
Despe toda a falsidade
Assim irás conseguir
Esse é o caminho a seguir

E o filme a prosseguir
Será que vou conseguir?

II Divo/Celine Dion - *I Believe*

Lonely
the path you`ve chosen
a restless road
No turning back
One day you
Will find your light again
Don`t you know
don`t let go
Be strong

Follow your heart
Let your love lead you through the
darkness
back to a place you once knew
I believe, I believe, I believe
In you

Follow your dreams
Be yourself, an angel of kindness
There`s nothing that you cannot do
I believe, I believe, I believe
In you

Tout seul
tu t`en ira tout seul
coeur ouvert
a l`univers
Poursuis ta quête
Sans regarder derrière
N` attends pas
Que le jour
Se lève

Suis ton étoile
Va jusqu`où ton reve t`emporte
Un jour tu le toucheras
Si tu crois, si tu crois, si tu crois
En toi
Suis ta lumière
N` éteins pas la flamme que tu portes
Au fonds de toi souviens-toi
Que je crois, que je crois
que je crois
En toi

Someday I` ll find you
Someday you` ll find me to
And when I hold you close
I` ll know that it`s true